

MATZÉVET KEVURÁT: AS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA, PORTO VELHO - RO



José Ricardo Pereira Tavares
Bacharel em Arqueologia, UNIR. Porto Velho - RO
E-mail: jr249799@gmail.com
Orcid: 0009-1813-4319

Juliana Rossato Santi
Doutora em Arqueologia, UNIR. Porto Velho - RO
E-mail: juliana.santi@unir.br
Orcid: 0000-00002-7480

RESUMO

Por causa da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, constroem-se o Hospital e o Cemitério da Candelária, este último para receber os corpos dos trabalhadores da Companhia da E.F.M.M., tombados por doenças tropicais, entre outros motivos. Estima-se que haja mais de quatro mil sepulcros perdidos no Cemitério da Candelária. Porém, três lápides são visíveis: uma de um português e outras duas de uma mulher de um homem, ambos de origem judaico-marroquina. O presente trabalho trouxe a oportunidade de se resgatar memórias que se relacionam com o período histórico da sociedade portovelhense do início século XX, por meio da Arqueologia Histórica e Arqueologia da Paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitério da Candelária; Hospital da Candelária; Judeus.



ABSTRACT

By the time of the Madeira Mamoré Railroad construction, the Candelária Hospital and the Candelária Cemetery were built to receive the bodies of the workers of the E.F.M.M. Company, who used to die, majorly, from tropical diseases, among other diseases. It is estimated that more than four thousand tombs got lost in the Candelária Cemetery. Of these, nevertheless, three tombstones are visible: one of a Portuguese man and two others, one of a woman and another of a man, both of Moroccan Jewish origin. The present work aimed at rescuing memories that are related to the historical period of Porto Velho (Brazil) society in the beginning of the 20th century, through Historical Archeology and Landscape Archeology.

KEYWORDS: Candelária Cemetery; Candelária Hospital; Jews.

RESUMEN

Con la construcción del Ferrocarril Madeira Mamoré, el Hospital y el Cementerio de Candelária fueron construidos para recibir los cuerpos de los trabajadores de la Empresa EFMM, que padecían enfermedades tropicales, entre otros males. Se estima que más de cuatro mil tumbas se han perdido en referido cementerio. De estas, sin embargo, se ven tres lápidas, una de un portugués y otras dos de una mujer y de un hombre, ambos de origen judío marroquí. El presente trabajo trajo la oportunidad de rescatar memorias que se relacionan con el período histórico de la sociedad de Porto Velho a principios del siglo XX, a través de la Arqueología Histórica y de la Arqueología del Paisaje.

PALABRAS CLAVE: Cementerio de Candelária; Hospital Candelária; Judíos.



CONTEXTO HISTÓRICO PARA A CONSTRUÇÃO DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA

A pesquisa em tela nos trouxe a oportunidade de resgatar memórias que se relacionam com o período histórico da sociedade portovelhense (1907-1920), dando à luz mais uma parte da história não narrada da cidade de Porto Velho, Rondônia.

Em 1907, pessoas de várias localidades brasileiras e do mundo (Marrocos, Líbano, Síria, Japão, China, Índia, Barbados, Bolívia, Itália, Alemanha etc.) migraram e imigraram para a região de Porto Velho com o intuito de trabalharem na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Com a chegada desses peregrinos, cresce o número de trabalhadores residentes e, conseqüentemente, os casos de doenças. Para dar continuidade à construção da estrada de ferro, há a necessidade da edificação do Hospital, assim como, do Cemitério para receber os corpos daqueles que trabalhavam oficialmente na Estrada de Ferro Madeira Mamoré (FERREIRA, 1982).

Muitos foram mortos neste processo, indígenas e ribeirinhos, principalmente, e nem sequer havia tempo para serem tratados adequadamente, sendo enterrados no mesmo local onde morriam, próximo do trecho da linha do trem (FERREIRA, 1982).

Comunidades indígenas, que viviam nessa região havia milênios¹, foram prejudicadas, pois tiveram que se desalojar e, em muitos casos, eram mortas ou vítimas de inúmeras doenças e abusos praticados pelos operários a serviço do colonialismo capitalista.

Menciona-se de forma bem clara aquilo que se sabe ocorreu de verdade, as fortes atrocidades sofridas por comunidades indígenas do rio Madeira, que foram vítimas mortais, dada a presença do branco e a sua ganância, sem freios normativos mais sérios, pela obtenção ao máximo da riqueza da região; e os trabalhos muitos, todos trazidos de fora pelos estrangeiros, acabavam desarticulando o meio social indígena e local, e enfermidades antes desconhecidas dizimavam vários povos indígenas como aconteceu com os povos Torá, Mawe, Pirahá, Parintintin, etc. (SOARES, 2016, p. 24).

No ano de 1907 a companhia Madeira-Mamoré Railway constrói o Hospital da Candelária para atender os trabalhadores enfermos da EFMM, e um Cemitério homônimo ao lado para sepultar seus operários mortos. O local escolhido para a construção desse hospital e cemitério se situava entre as cachoeiras de Santo Antônio e Porto Velho (FERREIRA, 1982).

¹ Pesquisas arqueológicas, como pode ser visto em Zuse (2014) demonstram a antiguidade e continuidade nas ocupações indígenas da região desde aproximadamente 9.000 anos atrás até o presente.



O Nome “Candelária” foi dado à localidade porque “esse local fora, primeiramente, propriedade de um boliviano, que a vendera a um italiano chamado Bertini, que lhe dera o nome de Candelária, em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, que se celebra no dia 2 de fevereiro” (FERREIRA, 1982, p. 205). As instalações do hospital da Candelária possuíam “[...] vinte e um pavilhões de madeira, cobertos de zinco pintados de verde e circundados de duplas portas e janelas protegidas por telas de cobre visando impedir a entrada dos anofelinos.” (SOARES, 2016, p. 35, 36).

O hospital da Candelária possuía uma farmácia própria (Figura 1), “uma horta própria e um criadouro próprio de aves domésticas” (SOARES, 2016, p. 37). Segundo os dados oficiais da companhia Madeira-Mamoré Railway, desde 1907 até 1912, havia 21.817 operários contratados de diversas nacionalidades trabalhando na construção da EFMM, mais de 6 mil morreram durante esse tempo (HARDMAN, 2005, p. 163,164).

Figura 1 – Farmácia do hospital da Candelária. Na imagem vemos o farmacêutico à esquerda, enquanto seus auxiliares (à direita) preparam um composto que parece quinina. Foto de Dana Merrill, 1910. Colorizado por: Luis Claro.



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/76012324335886400/>

No entanto, os que morreram no Hospital da Candelária oficialmente, foram 1.552 durante este período de 1907 a 1912, e que possivelmente estão sepultados no cemitério da Candelária (FERREIRA, 1982, p. 301). Dentre as diversas razões das mortes estão impaludismo, beribéri, disenteria, hemoglobinúria, pneumonia, malária entre outras enfermidades (FERREIRA, 1982).

Os operários infectados com a malária e com boa condição física faziam periodicamente o uso de comprimidos de quinina, para amenizarem os sintomas maláricos e prosseguirem com os seus serviços (HARDMAN, 2005, p. 294). Os “franzinos” e já debilitados pelo plasmodium da malária eram deixados no hospital da Candelária ou nas cabanas improvisadas ao longo do trecho da EFMM (FERREIRA, 1982).



Ao lado do Hospital encontra-se o Cemitério da Candelária para sepultar os operários da EFMM que morriam no hospital e “também pessoas estranhas que faleciam em Porto Velho” (FERREIRA, 1961, p. 141).

As lápides variavam muito, pois ali estavam diferentes etnias e culturas com seus respectivos rituais e práticas de sepultamento individuais. Além disso, também havia sepultamentos sem lápides que eram feitos pela classe social mais pobre em que se colocava apenas uma cruz de madeira ou de latão como sinalizadores de suas covas (FERREIRA, 1982).

Dentre as inúmeras pessoas de diversas nacionalidades que aqui chegaram, estavam os judeus marroquinos. Por consequência de frequentes perseguições religiosas e políticas, esses povos, entre tantos outros lugares, imigraram para a Amazônia na esperança de se refugiarem e recomeçarem a vida. Sobre isso Benchimol, explica:

[...] judeus que começaram a chegar à Amazônia a partir de 1810, a maioria deles procedentes de Tânger, Tetuan, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh e outras vilas e cidades marroquinas, após terem sido expulsos da Espanha, em 1492, e de Portugal, em 1496 [...]. O êxodo dos judeus-marroquinos é explicado pelos diferentes fatores de expulsão: pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas etc., como de forças de atração e favorecimento, tanto de ordem política e econômica oferecidos pelo Brasil e Amazônia como a abertura dos portos, tratados de aliança e amizade, extinção da Inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia (BENCHIMOL, 2008, p. 15).

Estima-se mais de quatro mil sepulcros perdidos no Cemitério da Candelária, os quais, talvez nunca conseguiremos identificar. Pouco se fala sobre a influência que essas pessoas tiveram para a formação da cultura e da sociedade local, pois, infelizmente há uma carência de documentação desse período, já que grande parte dela “foi destruída em uma grande fogueira em Porto Velho” pelo exército na década de 1970 (FERREIRA, 1982, p. 389).

No entanto, no Cemitério da Candelária identificamos três lápides parcialmente intactas: uma relacionada a um indivíduo de nacionalidade portuguesa ("Lápide Álef"), outra de uma mulher de origem judaico-marroquina ("Lápide Bêl") e outra de um homem também de origem judaico-marroquina ("Lápide Guimêl"). A linha inicial das duas últimas lápides carrega as palavras hebraicas que são o título desta pesquisa: "Matzévet Kevurát". Utilizamos a arqueologia da paisagem e a arqueologia histórica, no sentido de fazermos uma coleta de informação de dados *in loco* (mapeamento, fotos, croquis etc.), para nossas considerações e interpretações.

No ano de 1937 a companhia Madeira-Mamoré Railway “abandona todos os seus empreendimentos na região” e, então, o Governo Federal toma posse da EFMM (FERREIRA, 1982,



p. 345). Antes da ferrovia ser desativada, em 1971, foi construído um educandário de nome “Belisário Pena” edificado sobre “o pavilhão principal” do Hospital da Candelária, não restava mais nada do hospital senão os “alicerces de alvenaria que resistiram ao tempo” (FERREIRA, 1961, p. 142). O educandário servia como alojamento para os filhos das pessoas que se tratavam de hanseníase (FERREIRA, 1961, p. ibd.).

O cemitério da Candelária ainda é frequentado no dia de finados que ocorre no dia 2 de novembro, ocasião em que há uma missa ecumênica no cruzeiro próximo de sua atual entrada. Pessoas fazem orações em memória e favor dos que ali jazem posicionando uma vela nas lápides e covas do cemitério.

O objetivo geral deste trabalho foi o de registrar a materialidade, coletar dados, informações que pudessem expor o cotidiano (vida social, trabalho, religião, cultura etc.) desses três atores sociais que jazem no Cemitério da Candelária.

Metodologia Realizada Junto Às Lápides

Dentre os elementos da paisagem que despertaram nossa atenção, ao visitarmos o espaço do Cemitério da Candelária, citamos três lápides, duas delas possuindo inscrições hebraicas que ainda não haviam sido traduzidas e remontam ao período histórico da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, no início do século XX.

Elas encontram-se próximas umas das outras: uma em memória a um português, conforme constatamos posteriormente nas pesquisas arquivísticas, de nome Carlos Augusto Pressler Serzedello (Lápide Álef), e duas lápides de judeus marroquinos, como consta nas próprias inscrições, uma para a mulher de nome Reina Buzaglo ל"ר² (Lápide Bêth) e outra à Isaac Leon Benchimol ל"ר (Lápide Guimêl).

Nesse sentido, refletimos sobre: Qual seria o papel social e qual a representatividade cultural desses judeus e seus descendentes na sociedade de Porto Velho nos tempos da construção da E.F.M.M? Podem as inscrições das lápides ajudar a se traçar e delinear um perfil das pessoas que ali jazem, ou não? Como percebemos a paisagem daquele espaço cemiterial e sua relação com as lápides deste estudo?

Por meio da Arqueologia Histórica, utilizamos a teoria pós-processualista associada ao arqueólogo Ian Hodder (1996), e Funari (1998) para compreensão do contexto histórico e social

ז"ל² é um acrônimo hebraico de זיכרונו לברכה "Zikhronô libraháh" (para homens) e זיכרונה לברכה "Zikhronáh libraháh" (para mulheres), cujo significado é "seja bendita sua memória". É um honorífico usado para judias e judeus que já faleceram.



daquele período. Registraremos fotograficamente vestígios arqueológicos que se encontram no local dos três túmulos, utilizando arqueologia da paisagem (CRIADO BOADO, 1999; INGOLD, 2008) para realizar as descrições do contexto arqueológico descrevendo e traduzindo os textos das lápides, analisando cada detalhe, materialidade, questões simbólicas sem a utilização da escavação.

Ao todo, fizemos três visitas no cemitério da Candelária: Na primeira, realizamos o registro fotográfico do espaço, medições do berçário e lápides (Figura 2), decalque com grafite sobre o epitáfio da lápide Bêt com papel-manteiga (Figura 3).

Nesse primeiro contato, observamos a paisagem empiricamente, partindo das seguintes coordenadas: o Tempo (as ocorrências, os movimentos, o ano, o mês, as horas e minutos), a Matéria (a materialidade que ocupa e faz parte do lugar a ser pesquisado) e o Espaço (o próprio lugar e a Paisagem resultante dele) (INGOLD, 2008). A partir dessas coordenadas descrevemos em um caderno o que visualizamos e passamos a delinear possíveis ocorrências que pudessem haver estado presentes no local observado.

Na segunda visita, realizamos o registro dos túmulos da lápide Bêt e Guimêl e percebemos que seus berçários foram furtados (figura 4), porém, o túmulo da lápide Álef ainda estava no local (figura 5).

Na terceira e última visita, realizamos registro fotográfico (figura 6), bem como anotações sobre percepções de tempo, matéria e espaço.

Figura 2 – Julia Monteiro medindo o berçário com a fita métrica antes de o retirar para medirmos a lápide e o túmulo.



Foto de Youssef Hijazi Zaglhout, tirada em 23 de novembro de 2020.



Figura 3 – O autor e Julia Monteiro desenhando com grafite sobre o epitáfio da lápide Bêth.



Foto de Youssef Hijazi Zaglhout tirada em 23 de novembro de 2020.

Figura 4 – Vemos a lápide Guimêl e mais ao fundo a lápide Bêth.



Foto do autor.

Figura 5– Lápide Álef.



Foto do autor.



Figura 6 – Alunos de Arqueologia da Paisagem.



Foto do autor.

Percepções arqueológicas a partir das lápides do Cemitério da Candelária? Àlef, Bêl e Guimêl

Nesses espaços, os cemitérios, repousam não apenas os remanescentes dos corpos, como também, aqueles do próprio ritual funerário de pessoas que contribuíram, de alguma forma, para a história da humanidade. São espaços de memória, em que as lápides registram dados importantes para a história – datas, nomes e epitáfios. Lima, ao se referir a alguns cemitérios, diz que: “em cada sepultura há números, nomes e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social [...]” (1994, p. 90). Os túmulos podem nos fazer inferir e responder hipóteses e nos trazer diversas questões de uma sociedade que, às vezes, nos passam despercebidas. Cintra diz:

Os estudos cemiteriais são uma atividade de construção, análises e reanálises constantes dos artefatos materiais – jazigos – disponíveis nos cemitérios e desses próprios estabelecimentos como um todo. O interessante é que sendo visto de maneira ampliada não apenas os túmulos, ossuários, mausoléus etc., mas também, o próprio cemitério torna-se elemento dessa ação coordenada de estudo (CINTRA, 2014, p. 39).

Familiares e/ou amigos desejam que seus entes finados sejam lembrados e identificados conforme suas melhores características (virtudes, bens, conquistas etc.) que apresentavam durante suas vidas. Esses aspectos também podem ser verificados em relação aos interesses pessoais, familiares, culturais, religiosos ou sociais. Pearson diz que o ritual de sepultamento apresenta uma



“[...] ideological manipulation within the construction of social strategies [...] in terms of the way the dead are seen by the living and in terms of the social relationships between competing groups.”³ (1982, p. 99), como também observaremos nas três lápides do cemitério da Candelária.

Para tanto, consideramos as lápides, juntamente com a paisagem como artefatos arqueológicos. “Diz-se artefato arqueológico para tudo aquilo que sofreu uma interferência (ação) humana, seja no período pré-histórico, proto-histórico e histórico” (ORSER JR, 1992, p. 20), e nisso incluímos a paisagem.

A arqueologia histórica usa uma série de fontes de informação em sua pesquisa. As principais são os artefatos e as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, as informações orais e as imagens pictóricas [...] os arqueólogos definem os artefatos como aqueles itens feitos ou modificados como resultado da ação humana. Os artefatos incluem fragmentos de cerâmica, ferramentas, obras de arte, mesas, garrafas e todos os outros objetos que apresentam alguma evidência de atividade humana em sua manufatura (ORSER, 1992, p. 31).

No Cemitério da Candelária, entre os anos de 1910 a 1920 havia cruzes de madeira mescladas a cruzes de metal, com suas respectivas inscrições (Figura 9) nas sepulturas. Tais símbolos mortuários não mais existem no local. No dia 14 de agosto de 2021, em uma conversa informal com Lord Jesus Brown, filho de barbadianos, ex-ferroviário da EFMM e atual cuidador do complexo, ele nos relatou que havia ainda muitas cruzes de latão do Cemitério da Candelária guardadas em um galpão do complexo e que haviam sido levadas até lá porque estava havendo diversos furtos no Cemitério da Candelária (figuras 7 e 8).

As posições das lápides nos auxiliam a compreender a paisagem daquele período. Com base no mapa (Figuras 11), documentações e fotos de Dana Merrill disponíveis relacionadas ao Hospital e cemitério da Candelária, conjecturamos que, da observação interna do cemitério para a direção Oeste, se apresentava a seguinte paisagem: as lápides, a grama rasteira e, entre as grandes árvores, as depressões do terreno que vão descendo sentido ao rio, a estrada de ferro, o Rio Madeira, as árvores do outro lado do rio e o belo crepúsculo que corriqueiramente ocorre no pôr do sol de Porto Velho.

3 Tradução nossa: “[...] manipulação ideológica na construção de estratégias sociais [...] em termos de como os mortos são vistos pelos vivos e em termos das relações sociais entre grupos concorrentes.”



Figuras 7 e 8 – Registro fotográfico de março de 2022, quando da visita aos galpões da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na Recepção dos Calouros do Curso de Arqueologia, onde foi possível verificar uma cruz relatada.



Foto: Santi (2022).

Figura 8 – Cemitério da Candelária visto a partir do hospital homônimo. Foto de Dana Bernard Merrill, 18 de maio de 1909. Colorizada por Luis Claro.



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/760123243342811063/>.

Além disso, o que a paisagem, partindo do ponto de vista do cemitério da Candelária, alvitrou para os familiares dos jazidos e para a sociedade de Porto Velho? Nogueira diz:

Ao lado do Hospital da Candelária, foi construído um outro ambiente, o Cemitério da Candelária que recebia os corpos daqueles que não conseguiam ser salvos pelos médicos e enfermeiros do referido hospital, convivendo, assim, em um mesmo espaço, as representações da vida e da morte. No entanto, a imagem que perdurou entre a população foi aquela enaltecida pelos documentos oficiais, ou seja, a do hospital que sempre é retratado como aquele que satisfazia a todas as condições modernas de assepsia. A narrativa de Pessoa (1923), quando de sua visita a Porto Velho, perguntava o porquê da construção de um Hospital daquela proporção em uma cidade que ainda se construía (NOGUEIRA, 2015, p. 73).



Mesmo com toda a tecnologia de ponta e conforto de uma enfermaria moderna (Figura 10), com todos os recursos de saúde disponíveis da época, nada impediu que os trabalhadores sofressem as mazelas e enfermidades ocasionadas pela expansão capitalista que rasgava a floresta amazônica.

Figura 9 – Enfermaria do Hospital da Candelária com os trabalhadores enfermos em tratamento. Foto de Dana Bernard Merrill, tirada em 17 de maio do ano de 1909. Colorizada por Luis Claro.



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/760123243335205218/>.

Conforme foi constatado nos documentos pesquisados, o cemitério da Candelária possuía, inicialmente, cerca de dez mil metros quadrados, (100x100), resultando em um perímetro de 400 m, como vemos na figura 11. A posição em que os corpos eram sepultados seria, frequentemente, de leste a oeste.

Nesta pesquisa, dividimos o cemitério em quatro regiões, tendo cada uma delas em média dois mil e quinhentos metros quadrados: região sudoeste, região noroeste, região nordeste e região sudeste do cemitério. Essa divisão difere daquela da planta original, de 1909 (figura 11), onde observa-se um corredor que divide duas partes do cemitério, uma maior a Leste e uma menor a Oeste. Na mesma planta estão desenhados três túmulos fora e/ou na margem do perímetro do cemitério, a sudoeste, e são elas identificadas com o nome em seus respectivos jazigos: “W. S. Watson”, “H. H. Baileg” e “J. D. Causey”.

Quando Ferreira (1961) visitou o cemitério em algum momento entre as décadas de 1950 e 1960, muitos túmulos já haviam se perdido no local, sem os seus respectivos sinalizadores (cruzes, lápides etc.). Dentre as inúmeras vítimas de um empreendimento capitalista malsucedido enterradas no cemitério, Ferreira (1961) pôde identificar alguns jazigos:



J. R. Kennedy, falecido em 26 de novembro de 1910, idade 26 anos [...] T. C. Brandes, falecido em 6 de outubro de 1909, idade 43 anos; Albert Rube, 29-1-1911, 48 anos; E. C. Pickett, 11-12-1910, 28 anos; C. S. Jennison, 10-11-1910, 31 anos; A. Jones, 4-8-1909, 47 anos; **J. D. Causey, 6-12-1908, 22 anos**; Franz Forst, 10-10-1909, 33 anos. Tomo nota de mais nove inscrições e deixo as outras (FERREIRA, 1961, p. 145, grifo nosso).

Observamos que, durante sua pesquisa dentro do Cemitério da Candelária, Ferreira (1961) se encontrava na parte sudoeste do cemitério, onde encontra a sepultura de “J. D. Causey” também mencionada na planta do cemitério da Candelária (Figura 11). Inferimos que seja nessa mesma região sudoeste do cemitério que se encontra as três lápides Álef, Bê e Guimêl e que são o foco desta pesquisa. Atualmente a paisagem está muito diferente, por isso tivemos dificuldade em delimitar a área definida na planta de 1909, pelo que inferimos a localização.

Figura 10 – Planta do cemitério da Candelária com suas respectivas regiões adaptadas pelo autor (em 2021) para melhor delimitação da pesquisa.

PLANTA DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA DA PLANTA DE 1909 DE AMARILDO TELES PLAÇA CATANI

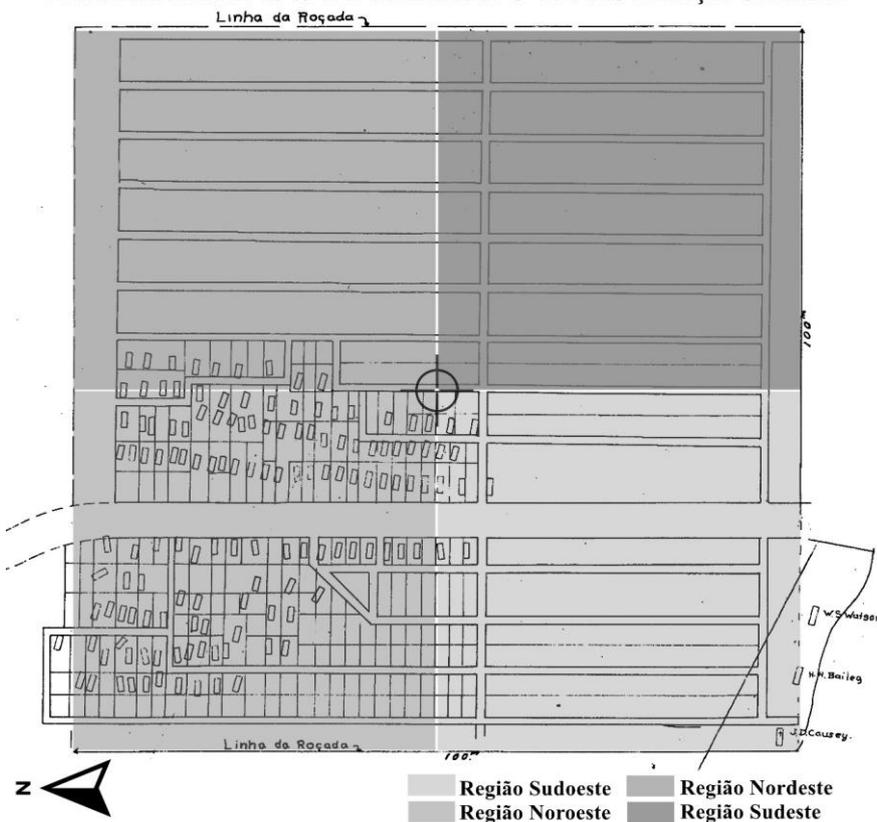
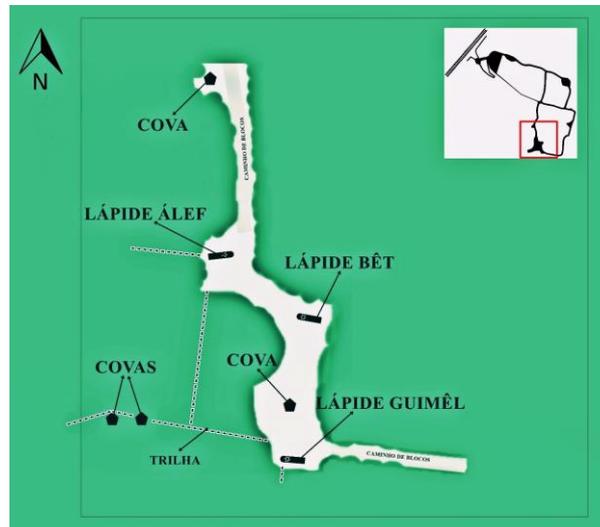




Figura 11 – Planta do cemitério da Candelária na região das três lápides. “Projeto de revitalização de ruínas do Hospital/Cemitério da Candelária” Implantação da Prefeitura municipal de Porto Velho/SPU.



Adaptada pelo autor, 2021.

A primeira lápide (Lápide Álef) é do túmulo do português Carlos Augusto Pressler Serzedello, falecido em 1917, como traz a Necrologia do Jornal “A Capital” do dia 30 de agosto de 1917:

Notícia vinda de Porto Velho, trouxe-nos a infausta nova do falecimento do Sr. Carlos Augusto Serzedello Pressler, que fora até bem pouco tempo guarda-livros da casa Andresen e, depois, suplente da diretoria. O pranteado cavalheiro foi vitimado por uma terrível nefrite e contava 45 anos de idade, era português, solteiro, pertencendo a respeitável família lusa, sendo uma irmã sua viúva do filho do grande Pinheiro Chagas, digno militar que ofereceu sua vida em holocausto a causa da República do seu país por ocasião da proclamação da mesma. Intimamente identificado com o trabalho, o ilustre morto viajou em três continentes, exercendo as funções de guarda livros. Assim é que esteve em diversos lugares da Europa, da África e ultimamente na América, em toda a parte conquistando vasto círculo de amigos que eram atraídos por seu extremo cavalheirismo e esmerada educação de que era dotado, lhe permitindo falar diversas línguas. Em Manaus, não menos operosa, foi a sua estadia, sendo a fundação do jardim Zoológico, mantido às suas próprias custas, vivo atestado do quanto afirmamos nossos sentidos pêsames a distinta família que vem receber tão lastimável golpe que roubou a vida um cavalheiro operoso e digno (JORNAL A CAPITAL, Quinta-Feira, 30 de agosto de 1917).

Carlos Augusto Pressler Serzedello é apresentado à sociedade de Porto Velho como um português e no epitáfio de sua lápide há uma gravura de uma cruz, além de uma cruz de ferro fincada (Figura 13), embora não saibamos se ele era católico, protestante ou se se identificava com alguma outra religião.



Figura 12 - Túmulo de Carlos Augusto Pressler Serzedello (Lápide Álef).



Foto: do autor, 16 de agosto de 2021.

Inferimos que Carlos Augusto Pressler é descendente de judeu askenazita⁴ por parte de seu pai, porém, não sabemos se ele tinha conhecimento ou era alheio quanto a isso. Tal inferência se dá pela evidência de seu sobrenome Pressler, que compartilha com figuras ilustres como Mirjam Pressler, judia e autora do livro “Anne Frank’s Family”, e o pianista judeu alemão Menahem Pressler. Dentre as vítimas do Holocausto nazista, conhecemos o testemunho da judia Eva Pressler⁵. A lápide Álef está direcionada de Oeste a Leste, ou seja, os pés em direção ao Oeste e a cabeça em direção a Leste, diferente das outras duas que estão no lado contrário. Quanto à descrição da lápide Álef, é como se segue:

Tabela 1– Descrição do epitáfio da lápide Álef: Carlos Augusto Serzedello Pressler.

LÁPIDE ÁLEF – CARLOS AUGUSTO SERZEDELLO PRESSLER	
LINHA	TEXTO
01	AQUI JAZ
02	CARLOS AUGUSTO SERZEDELLO
03	PRESSLER
04	NASCIDO
05	EM 27 DE JULHO DE 1876
06	FALLECIDO
07	EM 17 DE AGOSTO DE 1917
08	FILHO DE
09	FREDERIC PRESSLER
10	D. MARIA THEREZA
11	SERZEDELLO PRESSLER
12	
13	RECORDAÇÃO DE
14	ETELVINA A. MONTEIRO P.

⁴ Os judeus askenazitas são os judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental, diferente dos judeus sefarditas que provêm da Península Ibérica e norte da África.

⁵ Link de acesso para a entrevista na integra: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn701560>



A segunda lápide (Bêť) é do túmulo da judia, Reina Buzaglo, falecida em 1914, como descrito em seu epitáfio.

No documento sobre seu falecimento, consta que Reina Buzaglo (enterrada no túmulo da Lápide Bêť e falecida no Hospital da Candelária) havia morrido de moléstia, mas não se especifica qual, e que todos os seus bens haviam sido dados para aquele mesmo juiz, Moisés Bensabath, por seu genro Elias Leon Buzaglo, pois a família de Reina decide ir embora da cidade. Apesar de seu genro possuir o mesmo sobrenome de Reina Buzaglo, é assegurado no processo que eles não eram parentes próximos. Dentre os bens deixados por Reina Buzaglo, descreve o processo, na folha 7, há uma casa de taipa coberta de zinco, com três portas e uma janela de frente a uma rua de nome Felix de Lima, 260 libras esterlinas e 800.000 mil réis. Onde seria essa rua? Quais vestígios arqueológicos restaram dessa casa? Poderíamos encontrar alguma coisa referente à cultura judaica no local? Talvez em pesquisas futuras possamos encontrar uma consideração a essas perguntas.

Tabela 2 – Descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide Bêť: Reina Buzaglo..

LÁPIDE BÊT – REINA BUZAGLO			
LINHA	TRADUÇÃO	TEXTO HEBRAICO RECONSTRUÍDO	TRANSLITERAÇÃO DO TEXTO HEBRAICO
01	“A lápide do túmulo de” (Bêreshit/Gênesis 35:20)	מצבת קבורת	Matzévet kevrát
02	A honrada mulher	האשה הכבודה	Haisháh hakevodah
03	A pobre viúva	העלובה אלמנה	Haaluváh almanáh
04	Reina, jovem de Abraham Buzaglo	רינא נערת אברהם בוזאגלו	Reina naa{rát Avra}ham Buzaglo
05	Ela foi tragada no dia cinco de Sivan	נבלעה ביום חמש סיון	Niv{áh beyom} hamêsh Sivan
06	Ano de cinco mil e seis-	שנת חמשת אלפים ושש	Shenát {hameshet alaf}im veshêsh
07	-Centos e setenta e quatro	מאות וארבע ושבעים	Meôt vearbá veshivyím
08	Pequena minúcia: “Esteja a alma dela entrelaçada nos laços da vida [eterna]” (Shmuel Alef/1 Samuel 25:29)	לפ"ק [לפרט קטן] תנצב"ה [תהא נפשה צרורה בצרור החיים]	LF"K [lifrát katan] TaNTZaVa"H [tehe nafshah tzeruráh bitzror haHaim]
09			
10			AQUI JAZEM
11			OS RESTOS MORTAES DE
12			REINA BUZAGLO ESPOSA DE
13			ABRAHAM BUZAGLO
14			FALLECIDA
15			NO DIA 30 DE MAIO DE 1914
16			COM A EDADE DE 41 ANNOS
17			LEMBRANÇA



A terceira lápide (Guimêl) é do túmulo do judeu, Isaac Leon Benchimol, falecido em 1913, como consta em seu epitáfio. Segundo Ferreira (1982, p. 363), “Isaac era originado de Belém do Pará, seu amigo era Moisés Bensabá, o conhecido juiz e coronel, como vimos em um jornal do Alto Madeira, Moisés Bensabath”.

Encontramos no Jornal Alto Madeira, do dia 17 de outubro de 1918 Ano II Nº 147, a informação de que Moisés José Bensabath era um juiz de direito, muito conhecido na sociedade de Porto Velho. Seria esse Moisés José Bensabath o mesmo Moisés Bensabá mencionado por Manoel Ferreira (1982, p. 363), amigo do falecido Isaac Benchimol da lápide Guimêl? Segundo o autor (1982, p. 363): o documento de óbito do jazido na Lápide Guimêl, tinha como referência que Isaac Benchimol (Lápide Guimêl) era amigo de um Moisés Bensabá, possivelmente como um sinal de que o falecido matinha uma relação social com o juiz e coronel Moisés José Bensabath⁶.

Ainda no Jornal Alto Madeira, por meio da Hemeroteca⁷, percebemos indícios de antissemitismo na região ao não se mencionar o nome do juiz Moisés Bensabath, mas apenas o apodá-lo de “o judeu” e seu trabalho de “toucinho forense”, como um ataque direto, não somente a sua pessoa, mas à comunidade judaica e aos judeus que viviam em Porto Velho e Santo Antônio. “[...] aqui viviam gregos, italianos, alemães, árabes e outros povos com suas respectivas religiões que não tinham uma relação amigável com os judeus” (FERREIRA, 1982).

Para reconstruir as lacunas que faltavam no epitáfio da lápide de Isaac Benchimol, assim como de Reina Buzaglo (Lápide Bêl), também recorreremos a outros contextos de lápides judaicas que há no cemitério dos Inocentes e cemitério de Santo Antônio. As palavras dentro de {} são reconstruções de lacunas, as palavras dentro de [] são o que significa cada sigla do epitáfio.

Tabela 3– Descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide Guimêl: Isaac León Benchimol.

LÁPIDE GUIMÊL ISAAC LEÓN BENCHIMOL			
LINHA	TRADUÇÃO	TEXTO HEBRAICO RECONSTRUÍDO	TRANSLITERAÇÃO DO TEXTO HEBRAICO
01	“Lápide do Túmulo de” (Bêreshit/Gênesis 35:20)	מַצֵּבֶת קֵבּוּרָת	Matzévet kevrát
02	Aqui foi enterrado	פֹּה נִטְמָן	Pôh nitman

6 Link da informação disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=coronel%20mois%c3%a9s%20bens&pagfis=23752>

7 Link da informação disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=Juiz%20Bensabath%20n%c3%a3o&pagfis=24265>



03	Foi plantado o intitulado “durante sua plena juventude” (Yóv/Jó 8:12). “Chame-o de seu rabino” (Pirkei Avot/capítulo dos pais 6:3)	נטע נמטן עוֹדְנוּ בְּאִיבוֹ קְרָאוּ רַבּוֹ	Nitá niman odênu beibô. Kraô rabô
04	aquele que cumpre o preceito de “honrar pai e mãe”. (Shemot/Êxodo 20:12)	מְקַיֵּם מִצְוֹת כְּבֹד אָב וְאִם	Mekaiêm mitzvát kated Av vaÊm
05	Longe está o pobre jovem	רַחֵק הַבְּחֹר הָעֵלֹוּב	rahak habahur healuv
06	Itzhak-Shimol bar Youdah, sua alma é do Éden.	יִצְחָק-שִׁימּוֹל בֶּר יְאוּדָה נ"ע [נִשְׁמָתוֹ עֵדֵן]	Yitzhak-Shimol bar Youdah N" E [Nishmatô Éden]
07	Foi enterrado para sua eterna morada no dia 5 no ano (vigente), 27 de Adar, o primeiro (mês) do ano (hebreu)	נלב"ע [נפטר לבית עולמו] ביום ה בש[נה] כ"ז אדר הא' ש[נה]	NLB" E [niftar levêit olamô] beyom 05 besha[náh], 27 Adar harishon sha[náh]
08	Que “Acordem e cantem, habitantes do pó [da terra]!” (Yeshayahu/Isaías 26:19) Pequena minúcia:	ש הקיצו ורננו שוכני עפר ל[פ"ק]	She Hakitzu veranenu shokhnei afar L[FK]
09	“esteja a alma dele entrelaçada nos laços da vida [eterna]” (Shmuel Alef/1 Samuel 25:29)	תנצב"ה [תהא נפשו צרוּרה בצרוּר החיים]	TaNTZaVa”H [tehe nafshô tzeruráh bitzror haHaim]
10			
11		DESCANSA	
12		{E} M ETERNA PAZ O JOVEN	
13		ISAAC LEÓN BENCHIMOL	
14		QUE BAIXOU AO TUMULO	
15		CONTANDO APENAS 28 PRIMAVERAS	
16		TRIBUTAO LHE ETERNA RECORDAÇÃO	
17		A SUA INCONSOLAVEL MÃE	
18		IRMÃOS CUNHADO E AMIGO	
19		FALLECEU	
20		A 6 DE MAR{ÇO} 1913	
21?		{ ? }	

Considerações finais

O que experenciamos e pudemos perceber na paisagem do Cemitério da Candelária é que, em algum momento, as coisas e as pessoas caem no esquecimento, mesmo sendo parte do “Patrimônio Cultural” de uma comunidade. Nas três visitas que fizemos ao cemitério, observamos que a materialidade só é significativa para uma comunidade quando ela é percebida e



consequentemente significada e ressignificada, com projetos que deem continuidade à publicização desses contextos.

O cemitério da Candelária que nasceu junto com a construção do Hospital considerado na época, uma tentativa de vencer as doenças tropicais e dar continuidade à construção da linha férrea, tem servido de local de alojamento para algumas pessoas desabrigadas, atualmente, que constantemente entram em embate com o poder público que, por sua vez, ao invés de propor medidas que os aproximem do bem como patrimônio cultural, os afastam, os expulsando da área. Tudo muda de significado de acordo com o tempo, matéria e espaço e são ressignificados no tempo e no espaço.

A partir do desenvolvimento deste trabalho coletamos dados e informações da vida de três atores sociais judeus da época, Carlos Augusto (Lápide Álef), Reina Buzaglo (Lápide Bê) e Isaac Leon Benchimol (Lápide Guimêl). Registramos, além dos túmulos e epitáfios de suas lápides, documentos materiais nos livros e inventários que nos dão uma inferência de suas vidas sociais, trabalho, religião, cultura etc. Os judeus, mesmo longe da Europa, dos polos do antissemitismo, ainda sofriam seus estigmas nessas paragens.

O Cemitério da Candelária, sendo um “Bem tombado pela União”, demanda o desenvolvimento de um plano de gestão que articule a integração de atores que ajam sobre sua conservação e políticas públicas locais direcionadas ao enfrentamento dos impactos provocados por seu abandono institucional, documental e patrimonial. Acreditamos que projetos que associem a Arqueologia Pública a estes bens possam ser um primeiro passo para tal empreitada.

Referências bibliográficas

BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia** – Os judeus na Amazônia. 3.^a edição revista. Manaus: Editora Valer, 2008.

CINTRA, J. P. Raposo Tavares e a Formação Territorial Brasileira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v.98, p.103 - 116, 2014.

CRIADO BOADO, Felipe. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del paisaje. **CAPA: Cuadernos de Arqueología e Patrimonio**, Universidad de Santiago de Compostela, v. 6, 1999.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1982.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **Nas selvas amazônicas**. São Paulo: Editora Biblos, 1961.



FUNARI, Pedro Paulo de Abreu (Coord). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HODDER, Ian. **Interpretación em arqueologia: Corrientes actuales**. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão audição e movimento humano. Tradução: Ligia Maria Venturini Romão, Marcos Balieiro, Luisa Valentini, Eliseu Frank, Ana Leticia de Fiori e Rui Harayama. **Ponto Urbe**, São Paulo, ano 2, versão 3, p. 1-52, jul, 2008. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/1925>>. Acesso em: 08.07.2021.

LIMA, Tânia de Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social)*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p.87-150, jan./dez., 1994.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **A construção do espaço social em Porto Velho na primeira metade do século XX: Um olhar através da fotografia**. Programa de Pós- Graduação- Mestrado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) 134p. Porto Velho, 2008.

ORSER Jr., Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PEARSON, M. Parker. **Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. Symbolic and Structural Archaeology (New Directions in Archaeology)**. Cambridge, University Press, p. 99 – 114, 1982.

SOARES, Dirson Dresle Alves. "**Diaruí no complexo hospitalar da candelária como chave interpretativa da história da Madeira - Mamoré em Rondônia**". Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 186 f. Porto Velho, 2016.